



## **A mídia crítica a mídia: apontamentos de jornalistas sobre a cobertura na tríplice fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina.**<sup>1</sup>

Denise Paro<sup>2</sup>

Sônia Cristina Poltronieri Mendonça<sup>3</sup>

Faculdade Dinâmica das Cataratas, Foz do Iguaçu (PR)

### **Resumo**

Com base na Teoria do Jornalismo e nos estudos de fronteira, o artigo retrata a cobertura na tríplice fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina sob o ponto de vista dos protagonistas da informação: os jornalistas. Foram feitas entrevistas em profundidade com seis profissionais atuantes no jornalismo diário dos três países. Conclui-se que a cobertura no que tange temas transfronteiriços é deficiente pelo fato de os veículos priorizarem assuntos das próprias cidades, sem manter uma interconexão com temas semelhantes que atingem os demais países. Os relatos dos jornalistas ainda mostram que a produção é influenciada pelos limites editoriais e financeiro das empresas.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; Mídia de Fronteira; Teoria do Jornalismo

### **1. Introdução**

A atuação profissional de jornalistas nas fronteiras tem características peculiares, que fogem ao padrão tanto das grandes metrópoles quanto de cidades interioranas. O fato de o profissional estar em contato com dois ou mais países impõe condições diferentes para o exercício do jornalismo, tais como, a necessidade de falar outros idiomas, conquistar a confiança de fontes oriundas de outras nações, e principalmente pensar em âmbito mais global, descortinando novos horizontes de pauta, transcendendo o olhar local, estadual e nacional.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista e Relações Públicas. Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) 2005. Professora Adjunta da Faculdade Dinâmica das Cataratas (UDC), em Foz do Iguaçu/PR; deniseparo@uol.com.br

<sup>3</sup> Jornalista, graduada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) 1985. Mestre em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2006 e Professor Adjunto da Faculdade Dinâmica das Cataratas (UDC), em Foz do Iguaçu/PR, desde 2001, nos cursos de graduação em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda; sonialeon6@hotmail.com



O exercício da cobertura transnacional, ínsito em regiões fronteiriças, é um desafio para profissionais e empresas de comunicação, que tendem a incorporar linhas editoriais e rotinas próprias de cada país, além de priorizar assuntos locais em detrimento de temas regionais.

Este artigo tem objetivo de discutir a cobertura jornalística na tríplice fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina. O trabalho, fundamentado na Teoria do Jornalismo e nos estudos de fronteira, também traz um retrato da atividade da imprensa e propõe uma abertura de diálogo tendo em vista uma maior integração entre os profissionais.

## **2. Região Trinacional**

Também chamada de região trinacional, a tríplice fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina reúne três cidades pólo, Ciudad Del Este (Paraguai), Foz do Iguaçu (Brasil) e Puerto Iguazú (Argentina) que abrigam quase 600 mil habitantes de 74 nacionalidades. As colônias estrangeiras mais expressivas são a árabe e chinesa. Se considerados outros municípios limítrofes de cada país, a região forma um conglomerado internacional com mais de 850 mil habitantes onde circulam pelo menos cinco diferentes moedas - real, guarani, peso, dólar e euro - e se fala, diariamente, de forma fluente no mínimo cinco idiomas: português, espanhol, guarani, árabe e chinês.

A região trinacional era totalmente habitada por índios Caiguangues e Guaranis, antes da expansão colonialista iniciada a partir de 1452, com a chegada do espanhol Alvar Nunes Cabeza de Vaca às Cataratas do Iguaçu. Rumo a Assunção, no Paraguai, ele deparou-se com as imensas quedas d'água, as Cataratas do Iguaçu, batizando-as na época de Salto de Santa Maria.

Por volta de 1609, a colonização ganhou impulso. Padres jesuítas iniciaram um experimento social denominado de Missões Jesuíticas, criando espaços comuns, verdadeiras cidades em meio à selva administradas por meio do sistema cooperativista, com objetivo de catequizar os índios.

O historiador Wachowicz (1987, p.13) marca que em 1777 “Portugal assinava com a Espanha o Tratado de Santo Ildelfonso”, que reconhecia como fronteira portuguesa ocidental o território hoje paranaense, entre os rios Paraná e Iguaçu. Mas foi somente no ano de 1903 que as fronteiras entre o Brasil, Argentina e o Paraguai foram definitivamente demarcadas.



### 3. Fronteira

Para se fazer uma análise da cobertura midiática na tríplice fronteira, é preciso recorrer ao conceito de fronteira, o qual implica também no reconhecimento da história e da identidade cultural predominante nos países que compõem o espaço em estudo.

De acordo com Martins (2009, p. 134) os estudos do tema de fronteira no Brasil apontam duas concepções de referência. Na primeira, “os geógrafos, desde os anos 1940, importaram a designação de zona pioneira para nomeá-la, outras vezes se referindo a ela como frente pioneira”. Martins explica que a segunda concepção é a dos antropólogos, a partir dos anos 1950, que definiram estas frentes de deslocamento da população como frentes de expansão. O autor destaca que:

Quando os geógrafos falam de frente pioneira, estão falando de fronteira econômica. Quando os antropólogos falam de frente de expansão, estão falando geralmente de fronteira demográfica. (MARTINS, 2009, p.134).

Sendo assim, Martins (2009, p.139) complementa que a distinção entre frente pioneira e frente de expansão “é um instrumento auxiliar na descrição e compreensão dos fatos e acontecimentos da fronteira”. Para o autor, a categoria mais apropriada para reflexão sociológica “é a de frente de expansão, porque ela se refere a lugar de tempo de conflito e de alteridade”. E complementa a importância da compreensão dos dois lados da fronteira.

A fronteira é a fronteira da humanidade. Além dela, está o não-humano, o natural, o animal. Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um lado só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem do lado de cá e do lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano. Neste sentido, diversamente o que ocorre com a frente pioneira, sua dimensão econômica é secundária. (MARTINS, 2009, p. 141)

Considerando o que afirma Martins, conclui-se que a atuação profissional dos jornalistas na fronteira pode ser otimizada a partir do conhecimento sobre a evolução histórica, social, econômica e demográfica da região trinacional, além da compreensão sociológica sobre a população, bem como as suas diferenças multiculturais.



As diferenças culturais se refletem na complexidade das situações que se enfrenta no dia a dia da fronteira, que podem ser consensuais ou de conflitos, como explica Bhabha:

Os embates na fronteira, a acerca da diferença cultural tem tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo. Assim como desafiar normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 2009, p. 21)

Neste contexto, a compreensão do multiculturalismo presente nesta região de fronteira deve ser considerada como uma variável relevante na atuação profissional dos jornalistas a fim de se entender de que forma se expressam os diferentes povos presentes na região.

A interação entre a população dos países, por si só, também gera pautas jornalísticas. Apesar de geograficamente dividida, a tríplice fronteira parece por vezes, uma só nação. Brasileiros trabalham no comércio paraguaio. Argentinos compram em Ciudad del Este e em Foz do Iguaçu. Os paraguaios costumam cruzar a fronteira para estudar no Brasil e os brasileiros abastecem os veículos no Paraguai e na Argentina em época de câmbio favorável.

Por isso, independente das nacionalidades presentes nos territórios fronteiriços, existe uma identidade cultural fronteiriça.

Há momentos em que surge uma identidade cultural fronteiriça tornando-se a de maior relevância, distinguindo o habitante do local - sem importar que esse seja brasileiro, uruguaio, argentino etc. - dos "forasteiros", isto é, daqueles que desconhecem as singularidades - dificuldades, necessidades, carências...- dos grupos que povoaram as bordas dos países envolvidos no contexto. (MULLER, s.d.)

Assim, a cobertura jornalística em um conglomerado de dois ou mais países passa pela percepção da identidade e cultura fronteiriça formada a partir da interação dos habitantes. Neste aspecto, a mídia, além de se pautar por temas locais, têm a possibilidade de evidenciar assuntos próprios da região, no que diz respeito à cultura, trocas comerciais, iniciativas conjuntas na área da saúde, política e segurança, que se refletem em todos os países. Assim, há uma riqueza de informações, além de assuntos locais e nacionais, a serem noticiados.



#### 4. Os limites da produção jornalística

Apesar de ter uma função social, o jornalismo esbarra em uma série de condições no que diz respeito ao processo de elaboração e difusão de notícias. Limites organizacionais e comerciais impõem um ritmo mercadológico às redações e podem reduzir as pretensões profissionais de se fazer um jornalismo livre, no qual se privilegia a informação, o esclarecimento e a cidadania.

Os estudos de Warren Breed, caracterizados na chamada Teoria Organizacional, exemplificam de modo claro as barreiras impostas aos jornalistas. Com base nas análises de Breed, Pena (2005, p. 136), diz que “o contexto profissional-organizativo-burocrático exerce influencia decisiva na escolha do jornalista”. Desta forma, o profissional fica sujeito ao sistema organizacional e às normas editoriais das redações. Alguns tendem a deixar as próprias convicções sobre o fazer jornalístico no ato de elaborar a notícias.

De acordo com a Teoria Organizacional, o conformismo do jornalista é resultado de uma série de fatores que incluem desde o poder de decisão do chefe a respeito de qual profissional fará uma determinada reportagem até a escolha por suprir uma passagem, na reportagem de televisão, por imagens em *off*. Quanto à cobertura jornalística, Traquina faz algumas considerações.

A produção de notícias é influenciada pela repartição dos recursos da empresa jornalística. Não é possível ‘ir a todas’. É necessário tomar decisões em relação aos acontecimentos que serão cobertos, isto é, que serão agarrados pela empresa jornalística e transformados em notícia. (TRAQUINA, 2004, p. 159)

Neste aspecto, Traquina (2004, p. 157) pontua a influência da organização sobre o trabalho jornalístico e lembra que as notícias “são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística”.

Por outro lado, apesar das imposições, há brechas para o jornalista fugir ao controle organizacional, como aponta Traquina (2004) com base nos estudos de Breed. Entre as possibilidades está o fato de o profissional escolher, por exemplo, os próprios entrevistados e selecionar o conteúdo a ser destacado na notícia.



A Teoria do *Newsmaking*, que tem como referência pesquisas da socióloga Gaye Tuchman, também traz fundamentos para explicar mecanismos de produção de notícias e a cultura profissional dos jornalistas. Segundo Pena (2005, p. 129), para Tuchman “o processo de produção de notícia é planejado como uma rotina industrial. Tem procedimentos próprios e limites organizacionais”. Desta forma, segue Pena (2005, p. 129), o jornalista não tem “autonomia incondicional em sua prática profissional”, o que o faz ficar submisso a um planejamento produtivo das empresas.

Na perspectiva do *Newsmaking*, a noticiabilidade ganha destaque. Portanto, como diz Pena (2005), há critérios para escolhas de notícias entre fatos que ocorrem no cotidiano. Assim, o jornalista acaba se inserindo neste processo e passa a ter que se adaptar as normas estabelecidas pelas empresas no que tange, por exemplo, a decisão de um fato ser ou não notícia, mesmo tendo posicionamento contrário.

Outro conceito que merece destaque é a Teoria da Ação Pessoal ou Teoria do *Gatekeeper*, que surgiu em 1950. O termo *gatekeeper*, que significa “selecionador”, refere-se à pessoa que tem o poder de deixar passar ou bloquear a informação.

Conforme Traquina (2004, p. 150), na Teoria do *Gatekeeper*, “o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, portões”. Neste processo, segundo o autor, os jornalistas decidem quais notícias serão ou não publicadas. Com base nos estudos de David Manning White, Traquina (2004) diz que a seleção acaba sendo subjetiva e arbitrária. Também dependentes de juízos de valor relacionados “ao conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*”.

Wolf (1997, p. 207) afirma que a seleção feita pelos jornalistas acaba predominando sobre o que o próprio leitor ou telespectador quer. “En la selección las referencias implícitas al grupo de colegas y al sistema de las fuentes prevalecen sobre las referencias al próprio público”.

Assim, fica evidente que os profissionais atuantes em meios de comunicação acabam sujeitos aos limites editoriais e organizacionais das empresas, por isso, nem sempre podem exercer desenvolver com liberdade a reportagem, de acordo com os princípios da prática e da função social do jornalismo.



## 5. Infraestrutura midiática da região trinacional

Com tantas características particulares, a região trinacional é um atrativo para o trabalho da mídia. Isso se reflete no número de empresas de comunicação presentes.

Dados da delegacia do Sindicato dos Jornalistas do Estado do Paraná (Sindijor) apontam que cerca de 130 profissionais atuam na região de Foz do Iguaçu. A cidade possui profissionais que trabalham em quatro emissoras de canal aberto - afiliadas da Rede Globo (RPC/TV Cataratas), Bandeirantes (TV Tarobá), SBT (TV Naipi), e sucursal da RIC TV. Cinco emissoras de canal fechado – TV Educativa Paraná (Canal 6), Foz TV (Canal 7), TV Exclusiva (Canal 21), TV Comunitária (Canal 20) e TV Social (Canal 72). Dois jornais impressos diários – Gazeta do Iguaçu e Jornal do Iguaçu, uma sucursal do maior jornal impresso do Paraná – Gazeta do Povo, duas rádios FM, e Rede Aleluia e 97,7 duas AM Rádio Cultura e Rádio Foz, além dos profissionais que atuam em portais de notícias na web, blogs e assessoria de imprensa em empresas públicas e privadas.

No lado argentino, Puerto Iguazú, cidade de quase 45 mil habitantes possui um jornal local (Notícias de La Calle), três sucursais de jornais diários de abrangência estadual, Provincia de Misiones – El Territorio, Primera Edición e Misiones On-Line, uma TV a cabo (TV CVI – canal 5), 3 rádios FM (Cataratas, FM Sol e Vision), 2 Portais Digitais, duas rádios AM (National e Radio Cataratas). A pesquisa apontou que cerca de 26 profissionais atuam no mercado local.

Em Ciudad del Este, Paraguai, segundo o sindicato de Jornalistas local, há 63 profissionais atuando. A cidade conta com nove rádios, incluindo Rádio Parque (AM), Rádio La Voz (AM), Rádio Itapiru (AM), dois jornais locais, Diário Vanguardia e TN Press e sucursal de três jornais nacionais: ABC Color, Diário La Nación, Crônica, Popular e Última Hora. Há também seis canais televisivos. Canal 8 – Sistema Nacional de Televisión (SNT); Canal 13 – Red Privada de Comunicaciones; Canal 4 – Telefuturo; Canal 2 – Paravisión; Canal 18 – TV Guarani e Canal 16 – La Tele. A cidade também conta com portais de notícias.

É importante salientar que para as mídias digital, falada e televisiva não há fronteiras. Os sinais de rádios e TVs brasileiras chegam a Ciudad Del Este e Puerto Iguazú. As rádios paraguaias e argentinas são facilmente sintonizadas em Foz do Iguaçu. Na cidade brasileira também chega o sinal da SNT paraguaia. Outro ponto a destacar é a presença de rádios ilegais com programação em português. Para fugir da



legislação brasileira, as transmissões são feitas a partir de Puerto Iguazú e Ciudad del Este.

## **6. Metodologia e análise**

A pesquisa foi realizada com base na revisão bibliográfica da Teoria Organizacional, Teoria do *Newsmaking* e Teoria do *Gatekeeper* e dos estudos de fronteira. Também foram feitas entrevistas em profundidade, com questões semi-estruturadas, no mês de maio, com seis jornalistas atuantes em meios de comunicação do Brasil, Paraguai e Argentina sobre a cobertura na tríplice fronteira.

Do Brasil, um profissional de jornal impresso e um de televisão. Do lado argentino, participaram um jornalista de rádio e que atua em site e jornal impresso. Do Paraguai, dois jornalistas que trabalham em jornal impresso e rádio. A pesquisa foi feita com repórteres, pauteiros e editores identificados pela sigla J, seguida de número.

Durante as entrevistas, pôde-se perceber que o aparato midiático instalado na tríplice fronteira não reflete necessariamente a existência de uma cobertura que transcenda cada um dos países. Também se notaram dificuldades e barreiras para se obter informações, bem como propostas e reflexões para a melhoria do trabalho, que estão descritas a seguir.

### **6.1. Cobertura**

Os jornalistas relataram que as coberturas feitas pelos meios de comunicação da tríplice fronteira acabam compartimentadas, ou seja, nem sempre um fato que ocorre em um país é relacionado ao outro. Neste caso, foram citados temas como roubo de veículos e o narcotráfico, tratados isoladamente. Desta forma, o problema, presente principalmente em um ou mais países é coberto como se fosse apenas de uma única nação.

Assim, fica nítida a falta de contato maior com a cultural e a problemática fronteiriça local, no sentido de explorar temas que afetam a região trinacional. Ainda conforme a maioria dos jornalistas, há uma tendência nas empresas onde trabalham de priorizar a cobertura local, em contrapartida de assuntos regionais.





“Acredito que seja necessário maior estreitamento entre os próprios profissionais da imprensa. Temos colegas, principalmente do Paraguai, com quem mantemos contato, mas nem sempre as pautas de interesse comum são compartilhadas. Por outro lado, acho que nos voltamos muito ao Paraguai e deixamos a Argentina de lado. É como se não existisse um terceiro país” (J1)

“Qué es lo que le interesa a Brasil sobre Ciudad del Este? Los índices de violencia, de delincuencia. Históricamente Foz es más violenta, eso no se dice. A ustedes (prensa brasileira) les interesa en Paraguay el contrabando, el narcotráfico, la situación de los brasiguayos, el terrorismo, la Itaipú.” (J4)

“Acho que a imprensa local de Foz do Iguaçu cobre os acontecimentos da fronteira ainda de maneira tímida no que diz respeito aos países vizinhos. Ou seja, tanto brasileiro, quanto paraguaios e argentinos ainda se preocupam mais com o "próprio umbigo" e dão pouca importância a uma agenda comum. Além disso, vejo as coberturas um tanto voltadas aos interesses nacionais, principalmente entre Brasil e Paraguai”. (J1)

“Los medios de comunicación argentinos se ocupan más de temas sobre lo que sucede en Buenos Aires, de que de temas locales. También no se preocupan con lo que pasa en Ciudad del Este y en Foz do Iguazú.” (J6)

“No se informan noticias culturales de Puerto Iguazú. No se habla del pluriculturalismo de los tres países”. (J4)

“Argentina tiene una afinidad cultural con Paraguay, pero eso no se reproduce en la prensa.” (J6)

“Con Argentina no tenemos un contacto muy grande porque nos falta puente, a pesar de estar a apenas 500 metros de río. Con Foz do Iguazú, estamos en contacto por teléfono, nos cuesta lo mismo que una llamada a Asunción (capital). Nos cuesta 10 veces más para conseguir informaciones de Puerto Iguazú. Por otro lado, nos interesa más Brasil, pues tenemos vínculos muy fuertes. El noventa por ciento de los empresarios de Ciudad



del Este viven en Foz do Iguazú y muchos de los que trabajan en el comercio de forma directa son brasileiros.” (J4)

“Quando se tem uma redação grande, as dificuldades diminuem, mas quando redação é pequena, a tendência é cobrir as nossas notícias locais, ou seja, deixamos para segundo plano as questões fronteiriças”. (J5)

Os relatos mostram que a maioria dos jornalistas está ciente das deficiências relacionadas à cobertura de temas fronteiriços comuns. No entanto, ao mesmo tempo se submetem às rotinas organizacionais e econômica das empresas para quais trabalham pela falta de autonomia, conforme a Teoria do *Newsmaking*.

A cobertura, ou seja, a seleção de notícias, tem relação com a linha editorial adotada pelas empresas jornalísticas que privilegiam notícias locais em detrimento das informações de interesse regional. Essa característica também está ligada a Teoria do *Gatekeeper*, ou seja, editores e repórteres fazem um pré-seleção dos fatos a serem noticiados de acordo experiências, expectativas e valores pessoais. Outro limitador são os recursos das empresas jornalísticas. Nem todas têm estrutura para cobrir acontecimentos transfronteiriços, o que pode ser respaldado pela Teoria Organizacional.

A própria tendência das coberturas serem locais também traz consequências na forma de elaborar a notícia ou a pauta. Por falta de uma identidade e uma percepção da notícia sob o aspecto regional e global, os repórteres esquecem a interconexão dos temas nos três países. Dessa forma, não se dá vazão para pautas que retratem a identidade cultural fronteiriça no âmbito dos três países, seja com enfoque positivo ou negativo, o que é mais usual na imprensa. Um exemplo foi o citado por um dos jornalistas, ao afirmar que os brasileiros falam da delinquência em Ciudad del Este, mas o maior índice de homicídio está em Foz do Iguaçu. No entanto, ao elaborar matérias sobre o Paraguai, a imprensa brasileira tende a não se levar em conta a informação.

## 6.2 Dificuldades

Os jornalistas que fazem cobertura em países que não sejam de sua procedência, sentem dificuldades em obter informações diretamente com as fontes. Eles também



relataram insegurança para cubrir asuntos relacionados ao tráfico de armas, drogas, contrabando.

“En Paraguay se oculta mucha información. Nosotros consultamos las fuentes, pero ellos no hablan. En Brasil hay más organización para colaborar con las informaciones”. (J2).

“Creo que los brasileños tienen un poco más de libertad que los paraguayos y argentinos, están un paso adelante que nosotros, con más herramientas y menos presión para divulgar lo que realmente ocurre. En Paraguay especialmente, la gran mayoría de los medios están atados al poder político” (J3)

“En Brasil no tenemos dificultades porque cada vez que recurrimos a las instituciones oficiales siempre nos brindan informaciones. En Argentina los organismos públicos son mucho más cerrados. Y también los colegas brasilenos intercambiamos mucho las informaciones. Eso es una ventaja” (J3)

“Las dificultades muchas veces las creamos nosotros. Aunque cuando se trata de coberturas que afectan al mundo árabe, hay algunos problemas, porque ellos son cerrados y se guardan muchos secretos. Ellos están muy involucrados en la piratería, la falsificación, al igual que los chinos” (J3)

“Es preciso que los dueños de los medios den libertad a sus periodistas, apenas eso. Cuando hay libertad los periodistas inventan herramientas para hacer su trabajo” (J3).

“En Paraguay hay menos seguridad que en Brasil, o sea, no hay mucha seguridad física para hacerse la cobertura” . (J2)

“Tenemos problemas comunes y son graves. El periodismo es un ejercicio de riesgo en la triple frontera. Es muy complicado tratar el tema del narcotráfico. No me siento segura aquí y cuando hacemos denuncias no podemos caminar seguros por la calle. En la mayoría de los medios de comunicación del Paraguay, los directores están en



Asunción. Y nosotros no podemos publicar todo lo que sabemos, porque no hay como asegurar nuestra vida, la de nuestros hijos y la de nuestra familia.” (J4)

As dificuldades para se obter informações e a falta de segurança são barreiras encontradas pelos profissionais para a prática do jornalismo investigativo e o aprofundamento das notícias. Os profissionais também não sentem protegidos, além de serem limitados pelas questões organizacionais das empresas, incluindo tempo disponível e liberdade para fazer uma reportagem, conforme a Teoria Organizacional. Ao apontarem o Paraguai como país onde não há segurança para se trabalhar, os jornalistas reproduzem conflitos típicos de fronteira, como cita Bhaba (2009).

As barreiras para acessar fontes de outros países também aparecem em parte ao predomínio da fronteira ‘geográfica’ sobre o aspecto humano das relações. Apesar de viverem em cidades limítrofes, em alguns momentos, o papel de cidadão estrangeiro acaba predominando sobre o de fronteiriço. O relato de alguns jornalistas também ilustra a interferência, não apenas do poder empresarial, mas também político nas redações.

### **6.3 Distorções**

Os jornalistas também relataram distorções, tanto partindo de colegas de outros países, quanto à informação gerada sobre a própria região.

“Conocí algunos periodistas estadounidenses que vinieron aquí a Ciudad del Este, les presenté amigos y mis fuentes. Sin embargo, informaron una noticia muy diferente de la que vivimos aquí. Las personas que les presenté se enojaron conmigo.” (J4)

( J4)

“La falta de información hace con que se creen mitos y fantasías sobre la triple frontera. Sobresale que la región es peligrosa, tiene tráfico de armas, de personas. Eso sucede debido a la deficiente información generada por la prensa” – (J2)

“Nossas coberturas são sempre "defendendo o peixe" de cada lado. A coisa piora ainda mais em relação à imprensa paraguaia, que chega até mesmo a distorcer fatos em detrimento ao Brasil. Um exemplo são os destaques às operações contra o contrabando.



Os paraguaios têm uma visão que vejo que tem acabado do lado de cá, que é de proteger a ilegalidade.” (J1)

Ao defenderem a imagem da tríplice fronteira, os jornalistas reconhecem os abusos e falta de ética resultantes da produção de informações sobre a região. Neste sentido, emerge uma identidade fronteiriça local, conforme Muller. Mas quando uns acusam a imprensa do país vizinho, sobressaem os conflitos inerentes aos espaços de fronteira.

### **Considerações finais**

Ao se fazer uma análise da cobertura na tríplice fronteira sob o ponto de vista dos jornalistas fica evidente a forma pela qual as barreiras editoriais e financeiras limitam o trabalho dos profissionais. A autocrítica deixa claro que a maior parte dos jornalistas está ciente que é preciso dar mais espaço para cobertura de temas pertinentes à região, que se diferenciam de notícias locais e nacionais. Apesar da disposição, eles sentem-se barrados pelos ditames das próprias empresas em que atuam. Também é preciso pontuar que a imprensa ainda não percebeu, de fato, a existência de uma cultura própria da região, o que dificulta ampliar o olhar para uma cobertura da tríplice fronteira como um todo. Podemos corroborar essa assertiva até mesmo pela falta de uma publicação trinacional, com foco nas notícias de Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú, seja em português e espanhol. Também pela prática ainda ausente de contextualizar as matérias produzidas no âmbito dos três países, trazendo assim ao leitor, telespectador e ouvinte uma perspectiva ampla dos problemas e virtudes, seja em diversas temáticas, incluindo a saúde, a cultura, a economia e a segurança.

É interessante ressaltar os posicionamentos em relação à tríplice fronteira. Os profissionais manifestam-se em defesa da região, ao condenar falácias informativas divulgadas pela mídia. Mas também em alguns momentos, jornalistas de um país apontam a deficiência de outro, surgindo assim um sentimento de conflito, estranhamento, no qual se predomina a fronteira geográfica.

O presente estudo abre caminhos para futuras discussões sobre o tema da mídia de fronteira, na tentativa de refletir sobre a prática jornalística em diferentes nações.



## Referências

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, J. S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MULLER, K. Mídia e Fronteira. Disponível em: [www.midiaefronteira.com.br](http://www.midiaefronteira.com.br) Acesso em 15 de junho de 2009.

WACHOWICZ, R. C. **Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense**. Curitiba: Ed. Vicentina, 1987, 2ed.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.

WOLF, M. **La investigación de La Comunicación de Masas. Críticas e Perspectivas**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A, 1987.